

Edvaldo Arlégo

# Engenho

# FELICIDADE



PRAZER  
DE  
LER

Edvaldo Arlégo

Engenho  
FELICIDADE

Edvaldo Arlégo

# Engenho FELICIDADE

Editor  
Lécio Cordeiro

Revisão  
Departamento Editorial

Direção de Arte  
Elto Koltz

Projeto Gráfico, Editoração  
Eletrônica e Capa  
Marcos Durant

Ilustrações  
Rafael Silva

Editora Prazer de Ler Ltda.  
Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680,  
Prédio B, Galpões 7 e 8.  
CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista / PE  
Fone: (81) 3447.1178  
CNPJ: 14.605.341/0001-03

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção e qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais terá sido mera coincidência.

---

A723e Arlégo, Edvaldo, 1939-  
Engenho Felicidade / Edvaldo Arlégo; ilustrações:  
Rafael Silva. – Recife : Prazer de Ler, 2016.  
48p.

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.2.  
LENDAS – PERNAMBUCO – LITERATURA INFANTOJU-  
VENIL. 3. CONTOS INFANTIS. I. Silva, Rafael, 1989-. II.  
Título.

CDU 869.0(81)-93  
CDD 808.899 282

PeR – BPE 16-536

---

ISBN: 978-85-816-8458-1

Impresso no Brasil

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

# Sumário

Introdução	4
O rei corrupto	7
O urutau	13
A mãe-d'água	21
As artimanhas do gato	25
O minhocão	33
O homem sábio	39
O principal na vida	43

# Introdução

Florestal é uma cidadezinha da Zona da Mata pernambucana; hoje em dia, quase transformada em cidade-fantasma. De suas terras foram derrubadas muitas árvores, cuja madeira foi utilizada para a fabricação de dormentes, durante a construção da estrada de ferro que passava por lá.

Os ingleses, que exploravam esse tipo de transporte no Nordeste, pagavam a peso de ouro por árvore, e muitos proprietários de terras sacrificaram suas matas, prejudicando as nascentes dos rios e inviabilizando a fauna nativa da região.

Com essa prática, o meio ambiente ficou tão prejudicado que alguns rios foram assoreados, face à destruição da mata ciliar; por fim, deixaram de correr. Outros, mais caudalosos no passado, tiveram reduzido seu volume d'água, acabando com as bicas e cascatas, onde se tomava banho e a meninada se divertia nas férias e nos finais de semana.



Era um tempo em que as usinas ainda não tinham sacrificado os antigos engenhos, com sua produção em larga escala, fruto da Revolução Industrial. Essa revolução desenvolveu a Inglaterra e se expandiu, mais tarde, até mesmo no Brasil, estimulando a libertação dos escravos, braço forte na produção de açúcar e outros derivados da cana, como a rapadura, o álcool e a aguardente.

Resistindo a tudo e a todos, o Engenho Felicidade parecia haver parado no tempo. Seus proprietários, como se tivessem os pés fincados na terra, não cediam espaço à especulação expansionista da ferrovia, e o que era também importante: zelavam pela preservação do meio ambiente e, ainda mais, pela tradição cultural da região. Comemoravam as festas do padroeiro e vivenciavam intensamente o ciclo junino, com suas comidas típicas — canjica, pamonha, beiju, milho assado, pé de moleque — e, para coroar, o forró pé de serra, a quadrilha matuta, a fogueira, as adivinhações e a tradicional queima de fogos. No final do ano, era a vez da lapinha e do pastoril profano.

No Natal, em dezembro, quando também se comemorava o aniversário de Dona Sinhá, a esposa do dono do engenho, a alegria era redobrada. Na alimentação da época, destacavam-se os pastéis e filhoses; a figura do Papai Noel nunca faltava. A festa culminava com o romper do Ano-Novo, saudado com foguetório intenso.

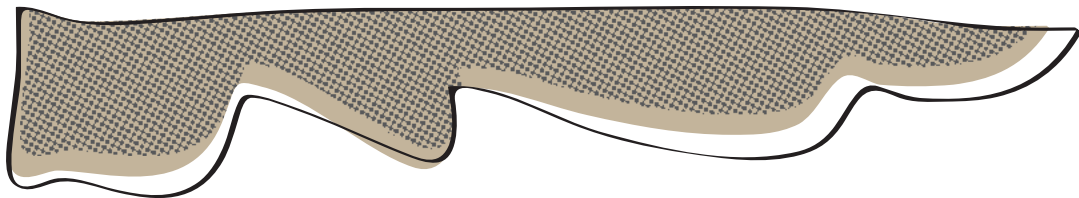
O Engenho Felicidade não era, entretanto, somente isso. Nele, a libertação dos escravos se deu bem antes da Lei Áurea; nas suas terras, nenhuma criança nasceu escrava. Todas as mucamas tinham o ventre livre. Lá, a vida vicejava a todo instante. Em reuniões diárias na calçada da casa-grande, Dona Sinhá reunia seus netos

e os filhos dos moradores para ouvirem histórias do arco da velha. Ao final de cada noitada, Ritinha, uma afilhada dela, servia o lanche da garotada.

Dizia a senhora do Engenho Felicidade que, convivendo com as crianças, jamais envelheceria, pois o contato com elas não só atualizava seus conhecimentos, como também fazia com que sua alegria de viver lhe garantisse jovialidade para a vida toda. Assim, na maioria das noites Dona Sinhá se reunia com a garotada para conversar e ouvir o que eles e alguns moradores do engenho tinham para dizer.

Eram experiências vividas, outras inventadas pela tradição oral, ou fruto da imaginação e engenhosidade mítica daquele pedaço de Éden; até mesmo o mais simples dos acontecimentos se tornava assunto de interesse geral.





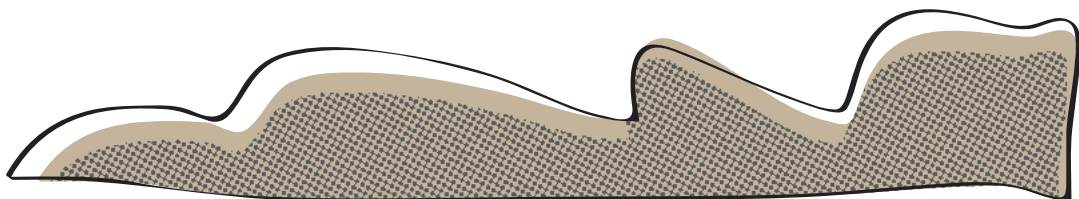
# O rei corrupto

No dia primeiro de dezembro, Dona Sinhá e as crianças acabaram de sentar na calçada da casa-grande do Engenho Felicidade quando ouviram o barulho de uma manga caindo no telhado de zinco, deslizando sobre as telas e tombando no chão.

No mesmo instante, Alvinho e Flávio correram para pegar a fruta. Rápidas, suas mãos chegaram à manga ao mesmo tempo. Enquanto a seguravam, cada um se dizia dono dela, por havê-la pegado primeiro.

Não havia testemunhas do fato. Como, então, determinar quem estava falando a verdade? Só a sabedoria salomônica poderia responder.

A discussão entre os meninos quase se transformou em briga, e, para que tal não acontecesse, Dona Sinhá interrompeu a questão perguntando a todos:





– Vocês conhecem a história do rei corrupto?

– Não! – disseram em coro as crianças.

– Então, vou contá-la! Cheguem mais perto de mim. Tragam seus banquinhos.

As crianças tomaram suas posições em meia-lua, à frente de Dona Sinhá, com Alvinho e Flávio ainda segurando a manga. Não largavam a fruta de jeito nenhum, mas estavam atentos à narrativa que começava.

– Foi no tempo em que o tigre é que era o rei dos animais. Como rei, cabiam-lhe as decisões mais difíceis. Assessorado pelo macaco travesso e pela esperta raposa, suas decisões nunca satisfaziam seus súditos e quase sempre lhe davam vantagem.

– Foi por isso que ele perdeu seu reinado?

– Deixe de pressa, Renatinha! Não vamos precipitar as coisas. Cada fato ao seu tempo, assim vocês não entenderão a história.

– Continue! – pediu Manuela, chegando-se ainda mais para perto de Dona Sinhá.

– Certa vez, a leoa e a pantera saíram para caçar. Era época de seca, e a caça estava difícil. Uma não sabia que a outra estava caçando na mesma área. A leoa espreitava uma zebra por um lado da mata, enquanto a pantera fazia o mesmo no outro flanco.

– Carne de zebra é gostosa? – perguntou a pequenina Manuela.

– Deve ser – disse Dona Sinhá. – É a caça preferida dos grandes felinos da África.

– Continue! – pediu Robertinho.

– Depois que fecharam o cerco, ambas atacaram a zebra ao mesmo tempo. A leoa deu-lhe uma patada na anca que a fez ro-



dopiar no ar; ao bater no chão, a pantera lhe cravou os afiados dentes no pescoço, matando-a por asfixia quase instantaneamente.

Coitadinha! – observou Marcela.

– Não há por que lamentar, minha filha. Assim é a natureza. Uns são alimento do outro, para que haja o equilíbrio ecológico. Essa é a única maneira de matar que se justifica no reino animal. Matar para sobreviver é a lei da floresta. Só o bicho homem é capaz de matar por esporte, como se a vida dos animais não tivesse qualquer valor. Todos os seres vivos fazem parte da cadeia alimentar, e eliminar uma espécie pode colocar em risco muitos outros seres.

– É, mas de qualquer forma é violência! A zebrinha é tão bonita!

– Bem, como dizia, as duas caçadoras chegaram à presa ao mesmo tempo, e daí nasceu uma discussão entre elas. Dizia a leoa: “A zebra é minha”. Do mesmo modo afirmava a pantera: “Nada disso, é minha”.

– E aí? – indagou Robertinho.

– Daí é que a leoa puxava a zebra para um lado e a pantera para o outro, e nenhuma delas aceitava fazer divisão. Diante do impasse, resolveram levar o caso ao rei. Carregando o animal em suas presas, chegaram ao palácio do rei tigre. O rato era o mestre de cerimônia e, ao receber as caçadoras, conduziu-as à presença do rei.

Diante do imperador, ambas contaram sua versão sobre o fato, cada uma delas dando a razão a si mesma. Sem que chegassem a uma conclusão, disse o rei:

– Tragam-me a caça. A raposa a partirá em dois pedaços iguais e colocará cada um deles nos pratos desta balança – falou apontando

para o equipamento de pesagem que estava bem próximo dele.

A raposa fez como o rei mandou, mas, esperta, cortou propositalmente a zebra em partes desiguais, para que os pratos da balança não se igualassem. Fingindo igualá-las, cortou outro pedaço da parte maior, mais uma vez acima do necessário, para que os pratos novamente não se equilibrassem.

– E o que ela fez com os pedaços que retirou da parte que ficou maior?

– Como era de se esperar para um rei desonesto, o pedaço foi conduzido ao seu frigorífico.

– E ficou por isso mesmo? – quis saber Marcela.

– Que nada! Assim, de pedaço em pedaço, a raposa fingia acertar, mas, na verdade, enganava as caçadoras, e por isso mesmo o rei se beneficiou com a malandragem, pois ficou com toda a caça para si, deixando a leoa e a pantera sem nada para comer e acabando com a discussão.

– Ficou assim? – perguntou Rui.

– Depois disso, as caçadoras voltaram para casa e pelo caminho foram conversando. Decidiram fazer uma campanha para moralização do reino, que não poderia ser assessorada por uma raposa ladina nem por um macaco sem vergonha, e muito menos por um rei desonesto que se aproveitava das situações para levar lucros que não lhe eram de direito.

– E o que fizeram?

– Bem, Tânia. As caçadoras falaram aos seus maridos, e eles reuniram seus amigos e toda a bicharada. Descontentes há muito tempo com o rei, aderiram ao movimento contra o monarca e,



dentro de pouco tempo, depuseram-no com toda sua corte de corruptos.

– Bem feito! – exclamou Rubinho, esfregando uma mão contra a outra, dando mostra da sua satisfação com o desfecho da história.

– É isso aí, meus amiguinhos. A partir daquele dia, o leão passou a ser o rei dos animais e, com seu espírito de governar a floresta com honestidade e justiça, recebeu a aprovação de todos os animais.

As crianças mostravam um ar de satisfação com a conclusão da história, mas Dona Sinhá fez uma pergunta, deixando que cada um desse a resposta para si mesmo. Questionou ao grupo:

– Vocês perceberam que tudo isso só aconteceu porque nenhuma das caçadoras aceitou dividir o que pertencia a ambas?

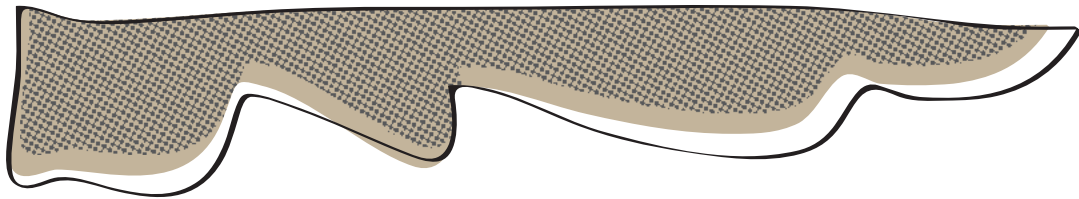
No mesmo instante, como num passe de mágica e sem trocar uma palavra sequer, Alvinho e Flávio partiram a manga; Alvinho ficou com duas bandas, e Flávio chupou o caroço, até porque era a parte da manga de que ele mais gostava.

A coruja rasga-mortalha deu seu grito de guerra e partiu em busca de caça no meio do capinzal, como um sinal para que se desfizesse o grupo, porque já era hora de ir para cama.

– Boa-noite! – disseram as crianças.

– Boa-noite e até amanhã! – respondeu Dona Sinhá.





# O urutau

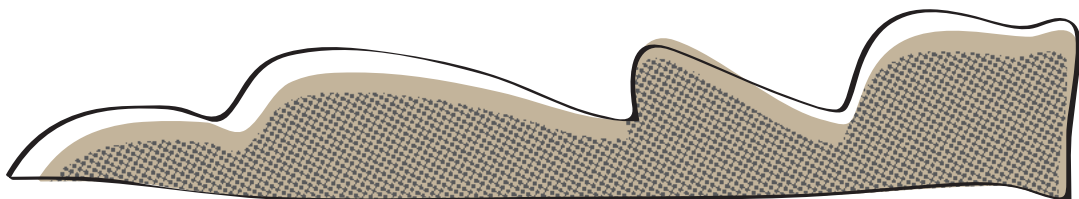
No dia seguinte, lá estavam todas as crianças reunidas na calçada da casa-grande, atendendo ao convite de Dona Sinhá e loucas por ouvir novas histórias fantásticas. De repente, a cortina da noite foi rasgada pelo canto agonizante de um pássaro. Em seu canto triste, a ave parecia repetir: foi, foi, foi...

Espantadas, as crianças se agarraram umas às outras, e Manuela, a menor de todas, correu para o colo da dona do Engenho Felicidade, que a amparou com carinho e explicou aos demais do que se tratava.

– Não tenham medo, meus filhos! É o urutau chamando por seu noivo desaparecido.

– Que história é essa, Dona Sinhá? – indagou Rubinho.

– Vocês não conhecem o urutau? É uma história muito antiga



contada por meus avós, que, por sua vez, ouviram-na dos avós deles. Assim, essa lenda chegou até mim, no tempo em que eu era criança, como vocês.

Puxando suavemente o rosto de Dona Sinhá para o seu lado, a pequenina Manuela, ainda no seu colo, exigiu:

– Vai! Conta essa historinha pra gente.

– Tentarei lembrar-me de toda a história, mas é possível que aqui ou acolá esqueça alguma parte, afinal de contas faz muito tempo que ela me foi contada, e minha memória já não anda como antes. A borracha do tempo parece que apaga muitas coisas da lembrança da gente. Quando vocês estiverem na minha idade, confirmarão isso que estou lhes dizendo...

– Deixe de conversa mole, Dona Sinhá! Comece logo! – exigiu Aninha, irreverente.

Dona Sinhá puxou o banquinho para acomodar melhor seus pés e ajustou-se com mais conforto na cadeira de balanço, embora continuasse com a pequenina Manuela no colo, e prosseguiu.

– Foi há muitos e muitos anos, no tempo do Império, quando o Brasil era governado por um rei.

– E já fomos governados por reis? – perguntou Rubinho com ar de espanto.

– Já, sim! E tivemos muitos príncipes e princesas. A corte brasileira era cheia de barões, condes, viscondes, duques e marqueses. O destino do País era decidido pelos nobres.

– Que legal! – exclamou Aninha.

– Havia no caminho da floresta um casarão de quatro janelas, onde moravam quatro moças: Adélia, Márcia, Rejane e Antônia.



Elas só viviam de cotovelos na janela em busca de namorados para se casar. Diariamente, o caminho era transitado por trabalhadores da roça, pelos artesãos da cidade e por eventuais mercadores, os quais andavam de cidade em cidade, vendendo seus produtos. Três delas chamavam atenção pela beleza de que eram possuidoras.

– E quais eram? – indagou, curioso, Alvinho.

– Adélia, Márcia e Antônia, sendo a primeira a mais bonita.

– E Rejane? – indagou Renatinha. – Era feia?

– Terrivelmente feia! Tão feia que ninguém queria saber de namorá-la. Comentavam os rapazes mais afoitos que as moças do casarão pareciam três fadas e uma bruxa. Vejam só! A primeira casou-se bem jovem. Sua irmã Márcia, dois anos depois, e Antônia, também muito bonita, casou-se aos dezoito anos de idade.

– Estou com pena de Rejane! – comentou Flávio.

– À medida que as jovens casavam, as janelas em que elas costumavam se debruçar ficavam fechadas. Assim, fechou-se a de Adélia, em seguida a de Márcia e, por fim, a de Antônia. A de Rejane, porém, continuava aberta, e todos os dias, sem perder a esperança, ela ficava na janela, com seus cotovelos pontudos a fazer sulcos na madeira à espera do esposo, que não chegava.

– Que pena! – lamentou Robertinho.

– Realmente era de dar pena. Os trabalhadores da roça, quando passavam de volta do trabalho, não chegavam a soltar lorotas para ela, mas comentavam entre si sobre sua horrenda figura.

– E ela, como encarava essa situação tão desagradável? – indagou Marcela.

– Fazia que não percebia e, às vezes, por uma questão de



amor-próprio, imaginava que os comentários que eles faziam destacavam suas qualidades de moça jovem, de família nobre e rica.

– E ela era feia mesmo?

– Ora, mas se era! Tão feia que ela própria não tinha coragem de enfrentar o espelho. Por isso, não usava maquiagem nem penteava os cabelos diante do espelho. Aliás, negros, grossos e longos, bastava ajeitá-los com as mãos para eles tomarem a forma que lhe satisfazia. Não lhe importava a opinião das pessoas.

– E Rejane não se casou? – perguntou Rui.

– Deixe de pressa, meu amiguinho. Um belo dia, Rejane deixou a janela e saiu a passear com destino à cidade. Para chegar até lá, teria de atravessar um pedaço da mata a alguns metros de sua casa.

– E a mata era misteriosa? – indagou Tânia.

– Não! Não tinha nada de misteriosa. Era uma mata como outra qualquer, só que circundava o castelo do príncipe Leovigildo.

– Príncipe de verdade? – quis saber Inacinha.

– De verdade verdadeira! Num determinado ponto, o caminho se bifurcava: um levava para a cidade e o outro para o ducado de Oeiras, onde morava Carla, a mais bela das filhas do duque Ferdinando. No local, Rejane parou e ficou admirando a natureza: os pássaros, os pequenos animais correndo por baixo do mato rasteiro e os macaquinhos pulando de uma árvore para outra. O silêncio só era quebrado pelo som da bicharada. Verdadeiro paraíso.

– E daí? – perguntou Raimundo, demonstrando interesse pelo desenrolar da história.

– Daí é que surgiu na estrada, montado num cavalo branco, o príncipe Leovigildo, que ao vê-la, cumprimentou-a:

– Moça, boa-tarde!

– Boa-tarde – respondeu prontamente Rejane, sem mostrar o rosto ao príncipe.

– A senhorita poderia me dizer qual estrada devo seguir para chegar ao ducado de Oeiras?

Sempre mantendo o rosto fora do alcance dos olhos do rapaz, Rejane respondeu.

– Perfeitamente, nobre cavalheiro. Mas creio que pouco lhe adiantará, porque logo à frente o caminho se dividirá em quatro, e o senhor não terá a quem perguntar.

O príncipe levou a mão ao queixo, demonstrando preocupação. Ela prosseguiu.

– Mas não se preocupe. Eu o levarei até mais adiante e indicarei o caminho que o nobre cavalheiro deverá tomar.

– É muita bondade sua, senhorita. Certamente vai lhe dar muito trabalho, mas, diante das circunstâncias, sou obrigado a aceitar.

– Vamos! – disse Rejane, e ambos saíram a pé, ele segurando as rédeas do cavalo. No caminho, ela continuava escondendo o rosto, mas mantinha animada conversa. À medida que o diálogo prosseguia, crescia no príncipe o interesse pela jovem. Finalmente chegaram ao local onde a estrada se dividia em quatro. Rejane indicou o caminho e esperou que o príncipe fosse se despedir; o tempo já estava tão escuro que só a Lua lhes servia como iluminação.

– E daí? – indagou Ana Maria, àquela altura louca por saber o final da história.

– Daí é que o príncipe continuou conversando, sem querer seguir viagem, e no meio da conversa lhe fez uma pergunta:

“Quer se casar comigo, Rejane?”. Ela não deu resposta, tão atônita que ficou. Ele explicou: “Gostei muito de você, dos seus cabelos, da sua delicadeza, da sua bondade em trazer-me até aqui e, por tudo isso, creio que você dará uma ótima esposa”. Envaidecida, ela se distraiu e deu o “sim”, encarando-o.

– Que susto o rapaz deve ter tido! – comentou Alvinho.

Não tenha dúvidas. Quando o jovem viu o rosto da moça iluminado pelo luar, só não correu para não dar demonstração de covardia, mas mudou o tom da conversa, dizendo:

– Minha cara Rejane, tenho que ir o mais rápido possível ao ducado de Oeiras e já é noite. Espere-me aqui, que voltarei ainda hoje.

– E ela? – perguntou Renatinha.

– Ela estava tão apaixonada que acreditou na palavra do príncipe.

– E ele voltou? – indagou Flávio.

– As horas foram passando, e nada de o príncipe voltar. Chegou a madrugada, e nem sinal do jovem. Rejane já estava impaciente, temia pela segurança do seu amado. Teria ele sido assaltado por algum bandido na estrada ou atacado por animais bravios da floresta? Só lhe restava procurá-lo. Mas onde? Como? Por fim, sentiu-se incapaz.

– E o que ela fez, então? – indagou Manuela.

– Pra sorte da jovem, surgiu uma velha feiticeira na estrada que, vendo-a aflita, procurou ajudá-la.

– Minha filha, o que a faz tão aflita?

– Meu noivo, senhora! Saiu daqui ontem à noite com destino ao ducado de Oeiras e prometeu voltar logo e até agora não chegou. Não sei o que aconteceu com ele. Não sei se foi assaltado ou

atacado pelos animais bravios da floresta...

– O que você gostaria que eu fizesse para lhe ajudar?

– Com a sua magia, transforme-me num pássaro, para que eu possa voar rápido à procura dele.

A bruxa fez sua magia, e logo a moça se tornou um lindo pássaro. Rejane, então, voou pelos caminhos e não encontrou vestígios do príncipe. Assim, voltou tristemente para junto da feiticeira, que lhe perguntou:

– Como é, minha filha? Encontrou seu príncipe?

– Não! Respondeu Rejane, meio chorosa.

Transforme-me novamente na Rejane que sou.

– Lamento lhe dizer que não posso.

– Não pode? Não pode por quê?

– Perdi a fórmula que desfaz o encanto...

– E agora, o que será de mim? Terei de viver encantada em ave para o resto de minha vida?

– Lamento dizer que sim, minha filha. Mas ainda lhe resta uma saída. Tão logo você encontre o seu príncipe, o encanto passará, e você voltará a ser a Rejane que sempre foi.

– E ela encontrou o tal príncipe, Dona Sinhá? – perguntou Marcela, preocupada.

– Até hoje não! – disse Dona Sinhá. – Mas todas as noites ela lamenta a perda do seu amado e procura dizer a todos a sua desdita, cantando: Foi, foi, foi, foi...

Na calçada da Casa-Grande do Engenho Felicidade, a noite já avançara bastante, e algumas crianças já demonstravam cansaço e vontade de dormir.

Percebendo tal situação, Dona Sinhá pegou uma cordoalha, em cuja ponta estava amarrado um sininho, e badalou duas ou três vezes, chamando Ritinha, que, lá na cozinha, já havia preparado o lanche das crianças. Como de costume, em todo final de reunião elas lanchavam a fim de que não fossem para cama de barriga vazia.

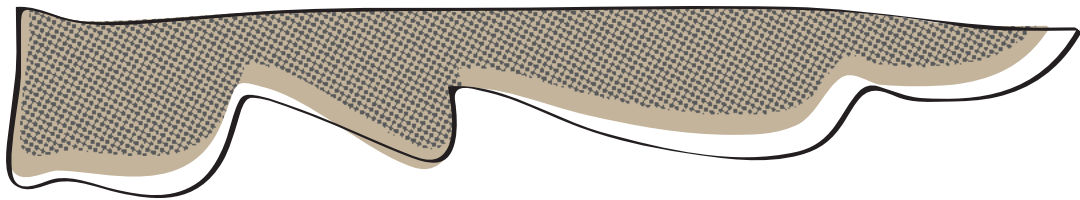
Terminado o lanche, a dona do Engenho Felicidade agradeceu a presença da meninada e pediu que elas voltassem cinco dias depois, pois teria de viajar à capital.

– No próximo encontro, vou lhes contar a história da **mãe-d'água**...

Uma por uma, as crianças foram saindo, até que, na calçada da casa-grande do Engenho Felicidade, ficaram apenas a Dona Sinhá e sua afilhada, Ritinha, para quem comentou:

– Minha afilhada, aposto que pelo menos duas ou três crianças, antes de chegarem a suas casas, ouvirão o canto do urutau: Foi, foi, foi, foi... E digo mais: algumas haverão até de sonhar com o pássaro apaixonado.





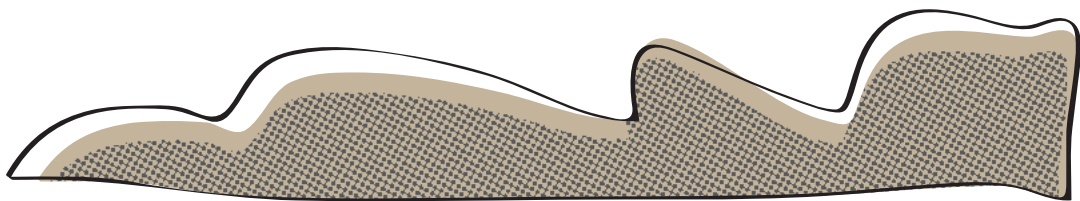
# A mãe-d'água

Como combinado, cinco dias depois as crianças retornaram à casa-grande do Engenho Felicidade para ouvir a história da **mãe-d'água**. Dona Sinhá iniciou a história fazendo um preâmbulo a respeito.

– Dizem que todo bêbado é rico e valente. Isso é sabedoria popular e, como tal, é pura verdade. Não é por outra razão que se afirma que a voz do povo é a voz de Deus, segundo o ditado popular. Vejamos esta história, que aconteceu aqui mesmo no engenho.

Os meninos sentados à sua volta na calçada da casa-grande nem sequer pestanejavam, tamanho era o interesse deles. Dona Sinhá continuou:

– Um grupo de moradores conversava no barracão, quando um velho pescador comentou sobre alguns segredos do Rio São Francisco. Disse ele:



– À meia-noite, o rio dorme e permanece assim por três minutos. O rio e as cachoeiras param de correr, as cobras perdem seu veneno e os peixes adormecem. É nesse momento que a **mãe-d'água** sai do fundo do rio e procura uma pedra para sentar-se e pentear seus longos cabelos. Na ocasião, as pessoas que morreram afogadas saem do fundo das águas e sobem às estrelas. Durante esse espaço de tempo, os barqueiros têm de tomar todo o cuidado para não acordar o rio. Quem desrespeitar o seu sono será castigado pela mãe-d'água.

Desconhecendo os segredos do rio, mas temendo o sobrenatural, a plateia se dividiu no barracão. Uns acreditavam, outros desconfiavam da história. Os mais comedidos não externavam seus sentimentos. Então um jovem e inexperiente pescador resolveu desafiar o desconhecido, dizendo:

– Vocês são uns medrosos! Como pode um homem de coragem ter medo do que não existe?!

Um canavieiro experiente advertiu:

– Não se deve brincar com o sobrenatural. É muito misterioso e fantástico.

O jovem voltou a desafiar.

– Continuo na mesma. Não acredito nisso e, para mostrar que é conversa mole, garanto que sou capaz de tomar um banho no rio à meia-noite, quando ele estiver dormindo. Vamos apostar?

Todos se espantaram. Temiam fazer apostas com coisas dessa natureza. Então, o desafiante sentenciou:

– Aceitem ou não, acabarei provando a vocês que tudo isso é mentira. Vou cumprir o que prometi.







Ainda assim, o grupo tentou convencê-lo a não ir, mas não conseguiu. Ele estava determinado a cumprir o desafio e partiu, mesmo sem aposta alguma. Estava próximo da meia-noite. Então todos correram para a beira do rio para ver o jovem pescador entrar na água e tomar banho.

Assustadas, as pessoas se mantinham à distância da margem do rio. O desafiante começou a se influenciar pela inquietude da plateia, mas mesmo assim ordenou que se jogasse um graveto no rio; ao parar, asseguraria que era meia-noite e o rio estaria parado e dormindo.

Assim foi feito. Quando deu meia-noite, o pedacinho de pau parou e o rio adormeceu. O velho pescador falou quase cochichando:

– O rio parou! É meia-noite.

Embora arrependido do compromisso que assumira, o jovem se atirou no rio procurando a coragem perdida.

Tão logo seu corpo quebrou o espelho-d'água, o jovem desapareceu, e o pessoal ficou mudo diante do mistério.

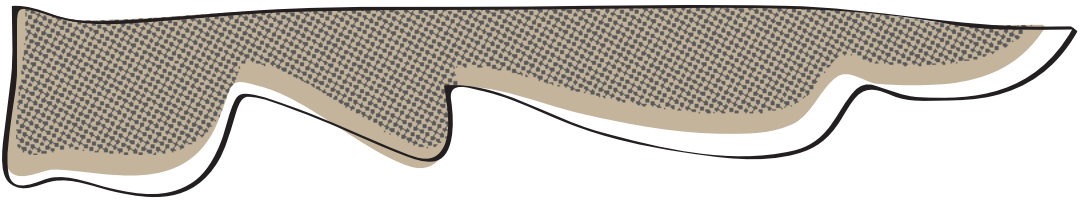
Passaram-se os três minutos e nada de o jovem voltar à tona.

Os olhos do público vasculhavam o rio em busca de encontrar o atrevido mergulhador.

Finalmente, eis que emerge do fundo do rio o desafiante, que, subindo em um dos barcos ancorados à beira do rio, caminhou de um lado para outro à frente de todos, como se estivesse fora de si, atordoado. Sua transfiguração foi tanta que muitos pensaram que não era ele, mas outro afogado que subira às estrelas e só chegara à superfície face à quebra do sono do rio.

Enfim, concordaram. Era realmente o desafiante, que novamente atirou-se na água para nunca mais voltar.





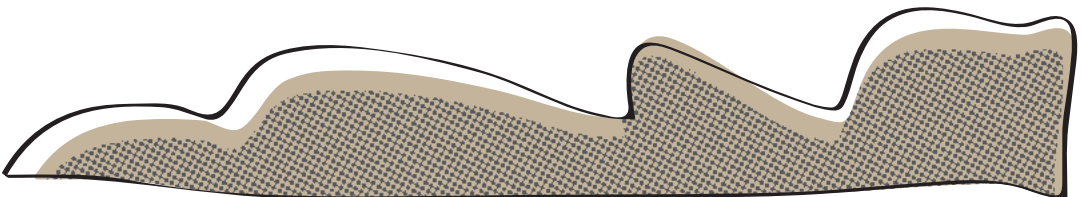
# As artimanhas do gato

O aniversário de Ritinha foi muito bem comemorado na **casa-grande** do Engenho Felicidade e, dias depois, ainda era motivo de comentário pelas crianças da região, principalmente quando a viram de vestido novo, feito por ela mesma, com o tecido que ganhara de presente dos meninos.

A roupa ficou tão bonita que ela olhava muito mais para si mesma que para o caminho por onde andava. Via-se nos olhos dela a satisfação com o vestido novo feito de chita.

Radiante, antes de começar a reunião daquele dia, Ritinha serviu, em xícaras de porcelana, saboroso cafezinho feito pela cozinheira. Ainda muito quente, a bebida era tomada aos pouquinhos, para não queimar a língua.

Notando que as crianças admiravam a beleza das peças de



porcelana chinesa, Dona Sinhá disse que elas faziam parte de uma coleção de louças, herança de família, pois pertencera a seus avós maternos e lhe foram dadas como presente de casamento. Por essa razão, explicava, só as utilizava em ocasiões especiais. As crianças ficaram vaidosas com a distinção e, considerando o valor das peças, pegavam nas xícaras como se estivessem pegando em objetos sagrados.

Finalmente, depois que as xícaras foram recolhidas, lavadas e recolocadas no armário da sala de jantar, Ritinha anunciou:

– Madrinha, chegou o boiadeiro Sebastião da Burra.

Dona Sinhá se levantou para receber o convidado da noite, apertou sua mão e pediu para que ele sentasse em uma cadeira junto à dela, estrategicamente reservada para que ele assumisse um lugar de destaque naquela noite.

Esse boiadeiro era um homem de setenta anos, aproximadamente, mas guardava um vigor físico invejável, que escondia, sem querer, os muitos anos vividos até então.

Vestia gibão e chapéu de couro, tinha a pele queimada pelo sol, revelando sulcos profundos feitos pelas marcas do tempo de exposição aos raios do sol. Parecia um homem feito de ferro.

Apesar de rude na aparência, Sebastião da Burra era por demais educado e, assim, não se esqueceu também de cumprimentar as crianças. Por fim, sentou-se ao lado da dona do engenho, na cadeira para ele determinada.

Caladas e quietas, as crianças olhavam, de cima para baixo e de baixo para cima, aquela figura, que parecia ter saído de algum clássico de José Lins do Rego ou de Graciliano Ramos, tamanha

era a semelhança com alguns dos personagens descritos por eles em consagrados livros da literatura brasileira.

Que mistério havia naquele homem humilde, mas imponente? Ainda não sabiam a resposta.

Àquela altura, por não gostar de silêncio nem de solidão, Dona Sinhá se dirigiu ao visitante.

– Seu Sebastião o que o fez aceitar tão rapidamente meu convite para vir ao engenho?

– Curiosidade, apenas.

Todos riram, inclusive seu Sebastião da Burra, que justificou melhor sua tão agradável presença.

– Aceitei seu convite pela consideração que lhe tenho. Acelerei minha vinda porque soube que todas as noites vocês se reúnem para contar histórias e lendas do nosso folclore, e, para mim, isso é como um renascer dos tempos de meus avós, quando nos reuníamos debaixo de uma gameleira, ao luar, para ouvir antigos contadores de histórias. Homens sérios que nos revelavam os segredos e os mistérios da vida. Verdadeiros sábios.

– De fato – disse Dona Sinhá – aqui é assim, mas nem tanto. Não chegamos a ter grandes contadores de histórias, mas também gostamos de reviver passagens da nossa cultura, que representa a alma do povo nordestino.

– Concordo com a senhora! – afirmou Seu Sebastião.

– E o senhor sabe de algumas dessas histórias? – perguntou Alvinho ao visitante, que, após afirmar que sabia, resolveu contar uma delas.



– A história que vou contar aconteceu há muitos e muitos anos, ainda no tempo em que os passarinhos não brigavam entre si. Preferiam se ajudar mutuamente.

– Se ajudar, como? – indagou Renatinha, inocentemente.

– Ora, minha filha! Veja, por exemplo: um passarinho queria chocar os ovinhos para criar seus filhotes, então fez seu ninho. Eles nasciam, eram alimentados e permaneciam no ninho até aprender a voar. Não precisando mais daquele abrigo, a mamãe passarinho, juntamente com o esposo, limpava o ninho e deixava-o à disposição de outra ave que precisasse dele em alguma situação de emergência.

– Interessante! – observou Flávio.

– Quando algum pássaro estava doente, os outros procuravam trazer-lhe remédio e fazer-lhe companhia até que ele ficasse curado. Quando um deles feria as asas e não podia voar, as outras aves se revezavam trazendo-lhe comida até que sarasse e pudesse comer com seu próprio trabalho. Era completa harmonia.

– Que bacana! Seria bom que agíssemos assim também em relação às pessoas – disse Manuela como se fosse gente grande.

– Era realmente um tempo maravilhoso. Tão belo, que as aves só cantavam de alegria. Não é como hoje, quando se ouvem aqui e acolá cantos chorosos de pássaros tristes por não terem onde fazer seus ninhos, porque cortaram as árvores ou porque um menino malvado apedrejou o papai pássaro ou um filhote seu, saído há pouco do ninho.

Depois de uma pequena pausa, o boiadeiro prosseguiu.

– Bom! Não vim aqui para fazer ninguém ficar triste. Quero

todo mundo alegre, porque a história que vou contar é de alegria.

Robertinho mudou lentamente a expressão do seu rosto, e Sebastião da Burra falou:

– Como dizia, naquele tempo tudo era **tranquilo** no mundo dos pássaros. Mas, como a vida não é apenas mansidão, um dia apareceu um gato para infernizar a vida dos pássaros. A calma se foi. As aves viviam em constante vigilância e aos sobressaltos. Com medo do felino que as ameaçava devorar, não pousavam mais no chão. Viviam apenas no topo das árvores e, assim mesmo, nos galhos mais finos, para que o gato não chegasse até lá.

– Que horror! – disse Ritinha.

– Você tem razão, menina! Para se prevenirem do gato, estabeleceram postos de vigilância, onde colocaram sentinelas, que se revezavam a cada oito horas, diariamente. Verdadeiro sufoco.

– Mas o que era do gato? – interferiu Dona Sinhá. – Vocês esquecem que o gato precisa comer para sobreviver, e carne de passarinho é rica em proteínas e um bom prato para ele!

Os meninos não contestaram, tampouco aprovaram o que o gato fazia.

O narrador prosseguiu.

– Enquanto o estômago roncava de fome, o gato resolveu arquitetar planos para vencer a astúcia da passarada. O primeiro passo foi procurar fazer amizade com eles.

– E conseguiu? – indagou Robertinho.

– Que nada! E os passarinhos eram bobos? Deram no pé, aliás, quero dizer, deram nas asas.

As crianças romperam numa estrondosa gargalhada, animando



o narrador a prosseguir.

– Vendo que seu primeiro plano não dera certo, partiu para outro. Encontrou um favo de mel no chão, derrubado por um urso faminto. Esponjou-se dentro dele, untando o corpo todinho com o mel do favo.

– Pra quê? – perguntou Rui.

– Calma, meu rapazinho! Deixe de pressa! Com o pelo todo pegajoso, correu ao galinheiro e rebolou-se nos ninhos, onde as galinhas punham seus ovos; coberto de penas, saiu em direção à passarada.

– Já imagino o que aconteceu! – observou Tânia.

– Isso mesmo. Nada conseguiu.

– Por quê? – indagou, mais uma vez, Rui. – Ele não estava cheio de penas, igual a um passarinho?

– É, porém as sentinelas não eram bobas e, desconfiadas de um pássaro que andava pelo chão, pediram que ele voasse, mas o gato, alegando estar com a asa machucada, disse não lhe ser possível. As sentinelas olharam-no nos mínimos detalhes e, desconfiando da farsa, deram o alarme de mais uma artimanha do gato, frustrando sua tentativa de enganar os pássaros. Esse parecia ter sido também o sentimento do chefe dos passarinhos, que resolveu, sem que nenhuma das outras aves soubesse das suas verdadeiras intenções, descer até onde estava o gato, impondo-lhe uma condição: a de o felino ficar sentado num monte de areia que havia bem no meio de uma clareira da floresta.

– E o gato topou? – perguntou Inacinha.

– Claro que sim, minha filha! Sentado no monte de areia, pen-



sava ele, poderia perfeitamente dar um pulo sobre o passarinho e devorá-lo por inteiro, num abrir e fechar de olhos.

– Nossa! – exclamou Raimundo.

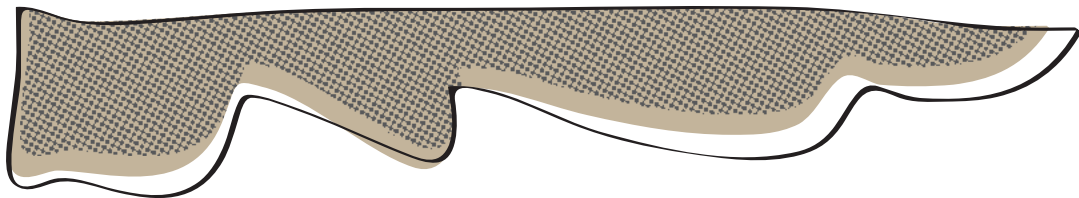
– Mas o resultado foi outro, e bem diferente. O monte de areia onde ele sentou nada mais era que um grande formigueiro e, untado de mel, tornou-se um prato apetitoso para as formigas, que começaram a atacá-lo e, quanto mais ele gritava, mais as formigas picavam, atraídas pelo cheiro e pelo doce sabor do mel.

– Ele morreu? – quis saber Ana Maria.

– Morreu nada! Gato tem sete vidas. Pelo menos é o que dizem. Porém aprendeu uma lição e nunca mais esqueceu. Fugiu para a cidade e não quis morar na floresta. Hoje, quando lhe dá vontade de comer passarinhos, ele sente uma comichão tão grande no corpo que muda logo de **ideia**.

Nesse instante, caiu uma chuva de verão, pingos tão grossos que todos tiveram de correr para a sala, desfazendo a reunião daquela noite. Mas, ao se despedir, o boiadeiro prometeu voltar outro dia para contar uma história mais engraçada ainda.





# O minhocão

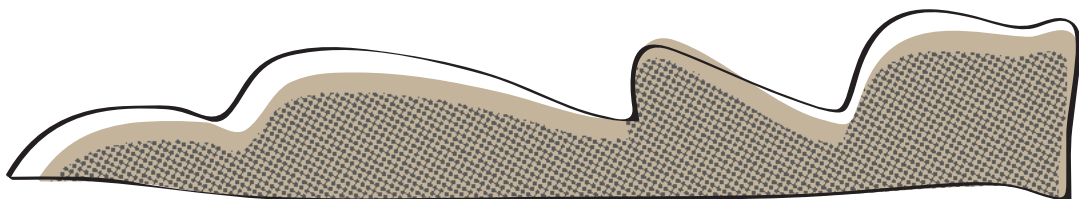
Como se estivessem chegando ao colégio, as crianças subiram na calçada da casa-grande do Engenho Felicidade, uma após a outra, e imediatamente tomaram assento em seus banquinhos, dispostos, como sempre, em semicírculo por Ritinha, que cuidara de preparar mais cedo o lanche dos meninos, colocado sobre a mesa da cozinha, coberto com uma toalha de proteção contra as moscas e outros insetos.

– Vocês já ouviram falar da lenda do minhocão? – perguntou Dona Sinhá às crianças, que acabavam de se posicionar à sua volta na calçada.

– Não, senhora! – respondeu Marcela.

– Já ouvi vovô contar, mas não lembro como é...

– Bem, como vocês desconhecem, vou contar-lhes a lenda do minhocão.



– Oba! – exclamaram em coro as crianças.

– O minhocão é uma cobra gigantesca que mora no Rio São Francisco há bastante tempo. Embora o rio seja o seu lugar de morada, quando lhe dá na cabeça resolve furar o chão, sair do rio e ir passando por baixo das casas construídas às margens do São Francisco. O buraco deixado em sua passagem é tão grande que, com o tempo, as casas vão caindo por falta de sustentação nos seus alicerces.

– Que coisa terrível! – observou Aninha, revelando certo pavor.

– Mas, na verdade, seu divertimento predileto é amedrontar os barqueiros e os viajantes ao longo do rio. Quando se enfurece, por motivos que não se sabe, dá violenta rabanada nas embarcações, fazendo-as ir ao fundo inapelavelmente.

– Nossa! – exclamou Marcela com ar de medo.

– Além disso, ele cava as grutas que existem nas barracas do rio. Sua força é tanta que, quando o São Francisco enche e depois seca, ele carrega uma ilha de um lugar para o outro em direção ao mar.

– Meu Deus do céu! – exclamou Aninha ainda mais apavorada. – E esse bicho já apareceu aqui no Engenho?

– Não, ainda não, apesar de estarmos na beira do rio. Mas se o minhocão conseguisse chegar até aqui, não poderia danificar a casa-grande, porque ela foi construída sobre uma grande pedra, e ele só consegue furar terreno arenoso.

– Conte-nos alguma história verdadeira desse bicho, Dona Sinhá – pediu Marcela, quase implorando, tamanha era sua curiosidade.

– Não lhes saberia contar tão bem quanto seu João de Lia,

porque sempre morei na casa-grande. Nasci e me criei aqui. Ele, que andou por sete mundos e já desempenhou muitas atividades, pode lhes falar melhor que eu. Vou chamá-lo.

– Deixe que eu vou, Dona Sinhá – disse Ritinha. – Ele deve estar no barracão descansando.

Enquanto Ritinha saiu em disparada para chamar João de Lia, Dona Sinhá acomodou-se na cadeira de balanço, os meninos procuraram melhorar suas posições.

Quando João de Lia chegou, cumprimentou a todos com um cordial boa-noite, que foi respondido em coro pela gurizada. Dona Sinhá pediu-lhe para que contasse suas experiências com o minhocão nas suas andanças à beira do São Francisco, de Pirapora a Petrolina.

Sem demora, João de Lia foi direto ao assunto:

– Há muito tempo, morávamos numa casa de taipa às margens do Rio São Francisco, lá para as bandas de Sento Sé.

– Que nome engraçado! – exclamou Rubinho. – Onde fica?

Dona Sinhá respondeu:

– A Sento Sé de que ele fala não existe mais, porque foi coberta pelas águas da Barragem de Sobradinho. Junto com ela, também foram submersas as cidades de Pilão Arcado e Remanso.

– E os moradores de lá foram para onde? – indagou Aninha, curiosa como sempre.

– Foram relocados para outro lugar, também às margens do rio, onde a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco construiu novas cidades com toda a **infraestrutura** necessária, **preservando-lhes** o nome.

– O povo deve ter ficado muito satisfeito, não foi, Dona Sinhá?  
– perguntou Marcela.

– Nem tanto! Os mais práticos, sim, mas aqueles aferrados ao seu passado ainda hoje não se adaptaram às novas condições de vida, embora melhores. Como visitar seus mortos se estão submersos? Como rever a casa onde nasceram, a escola onde estudaram ou a igreja onde foram batizados, crismados, casaram e rezaram por seus mortos se até a torre sineira está sob as águas? Mas continue, João de Lia.

– Como dizia, a casa em que morava, embora de taipa, era bonita e bem forte. Certo dia, estávamos à mesa almoçando quando senti que a casa estremeceu durante mais de três minutos. Um terremoto, falaram alguns, com natural espanto. Com minha experiência, não tive dúvidas. Era o minhocão. Bati em retirada com minha família e vim parar aqui, porque é mais seguro, e o bicho não vem.

– E a casa? – quis saber Aninha.

– Sumiu no buraco que ficou embaixo dela.

– Mas como o senhor sabe que era o minhocão se o senhor não viu o bicho porque saiu correndo? – inquiriu Rubinho.

– Por acaso você pensa que estou mentindo?

– De maneira alguma.

– Continue, João de Lia. Criança esperta é assim mesmo – falou Dona Sinhá.

**Tranquilo**, João de Lia prosseguiu com a narrativa.

– Certa vez, pescava sozinho em meu barco e, enquanto esperava algum peixe nos anzóis, cujas varas estavam presas à embarcação, debrucei-me na proa, vendo o luar no espelho-d'água.

O silêncio só não era total por causa do barulho da marola. De repente, uma das varas estremeceu violentamente. Imaginei que fosse um imenso pirarucu. Empunhei o cabo da vara e comecei a puxar o anzol. De súbito, vi um enorme vulto que se debatia sobre a flor da água. Fiquei estatelado de medo. Era o minhocão. Ferrado no meu anzol, o bicho partiu em disparada rio afora, arrastando meu barco como se ele fosse de papel.

– E aí? – perguntou Aninha.

– Depois de correr por quilômetros rio afora, descendo em direção à foz, deu uma volta, ergueu a cauda para o alto e jogou-a de encontro ao barco, que se despedaçou.

– E como o senhor conseguiu se salvar?

– Tive muita sorte. Talvez a proteção dos seres encantados do rio, pelo respeito que tenho por todos eles.

– É, isso é importante! – afirmou Dona Sinhá.

João de Lia continuou a narrativa, empolgado com o interesse demonstrado pelas crianças.

– Quando o rabo do bicho bateu na água e despedaçou o barco, subi como um foguete de São João e caí sobre ele, bem próximo à sua cabeça, sustentado nas suas antenas.

– E ele não percebeu onde o senhor estava? – indagou Rubinho.

– Não, porque sou tão pequeno, levando-se em conta o tamanho dele, que meu peso é comparado ao de uma formiga ou de uma mosca!

– Continue – pediu Dona Sinhá, demonstrando também interesse no desfecho da história.

– Como dizia, montado naquele animal fantástico percebi que,

em sentido contrário, vinha nadando um boto-cor-de-rosa. Esperei que ele se aproximasse, pulei no seu costado e voltei cavalgando-o até a margem do rio.

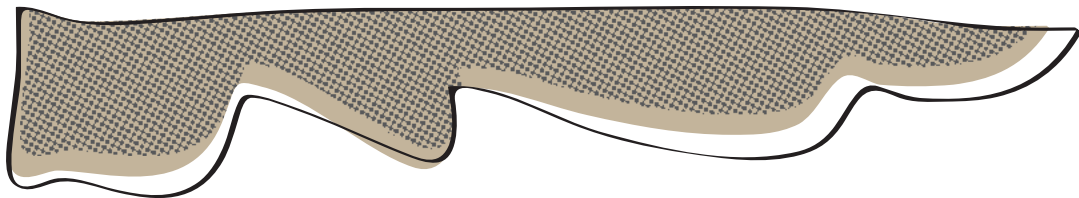
– Essa foi demais – sussurrou Rubinho para Manuela.

Ah, se João de Lia percebesse! Agia como uma fera quando alguém duvidava da veracidade de suas histórias fantásticas.

Naquele instante, Piaba, a cachorrinha, partiu em disparada para o galinheiro, onde uma raposa parecia estar ameaçando as galinhas.

Aproveitando a deixa, Dona Sinhá encerrou a reunião prometendo continuar a contar novas histórias sobre o folclore da região; em seguida, pediu a Ritinha para servir o lanche para as crianças e, em especial, para João de Lia, figura central daquela noite.





# O homem sábio

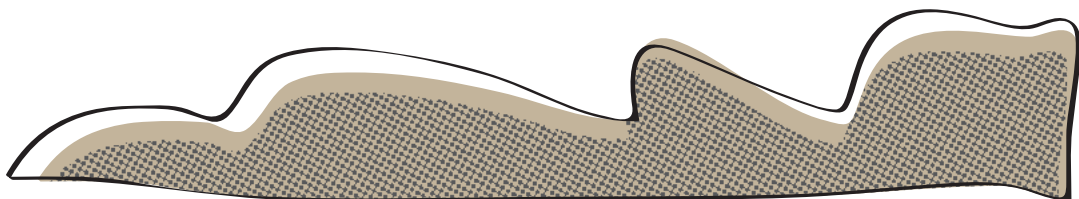
Muitos dias se passaram desde o último encontro na calçada da casa-grande com João de Lia e sua incrível história do minhocão. Sentindo saudade das reuniões com as crianças, Dona Sinhá pediu a Ritinha que as reunisse. Ritinha a atendeu prontamente. Em poucos minutos todas as crianças estavam sentadas em seus banquinhos diante da contadora de histórias.

– Dona Sinhá – chamou Aninha. – Hoje a senhora vai contar uma história assustadora como a do minhocão? Fiquei muito assombrada naquele dia...

– Não, Aninha – respondeu Dona Sinhá com sua voz carinhosa.

– Aquela história de João de Lia é uma grande mentira! – completou Rubinho. – Aquele homem é muito mentiroso...

– Não diga isso, Rubinho. Você não o conhece... – corrigiu a







dona do engenho. — Não podemos dar opiniões completas sobre o que não conhecemos nem esquecer as coisas mais importantes da vida.

Envergonhado, Rubinho pediu desculpa.

— Não fique triste, menino — amenizou Dona Sinhá. — Você me fez recordar duas belas histórias que vou contar para vocês hoje. A primeira delas é a de um homem que tinha quatro filhos e queria que eles aprendessem a não ter pressa quando tivessem de fazer seus julgamentos, pois sabia que a pressa é inimiga da perfeição. Assim, estabeleceu para cada um deles a mesma tarefa: olhar uma árvore que dava peras, uma pereira.

O mais velho, que partiu primeiro, chegou lá em pleno inverno; o segundo foi ver a árvore na primavera; o terceiro, no verão, e, finalmente, o caçula chegou à pereira no outono, época em que os frutos estão sazoados.

Quando do retorno do mais novo dos irmãos, o pai reuniu novamente os filhos e pediu para que cada um deles dissesse o que tinha visto.

O mais velho, que viu a planta durante o inverno, disse que árvore era feia, seca e retorcida.

O pai ouviu o que lhe dissera o primogênito e pediu o parecer do segundo, o qual visitara a árvore durante a primavera.

Baseado no que vira, o rapaz discordou do irmão e contou que a árvore era cheia de botões, os quais prometiam muitas flores.

Diante da resposta do segundo filho, o pai pediu para que o terceiro também falasse a respeito da árvore, que visitara em pleno verão, época de sol escaldante.

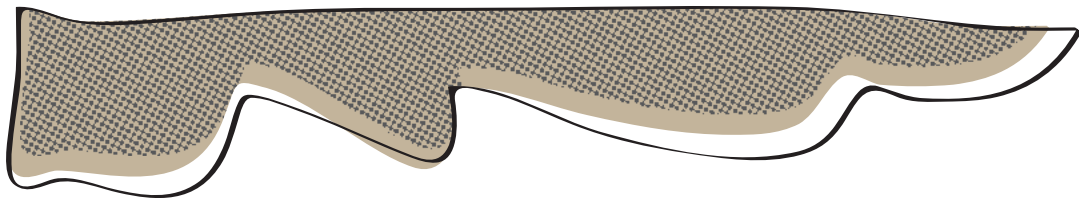
O rapaz temperou a garganta, pigarreou forte e afirmou que a fruteira estava coberta de flores, as quais exalavam um cheiro muito doce; ao mesmo tempo era de uma beleza tão grande e singular que ele quase não se conteve em observá-la. Por fim, chegou a dizer que fora a coisa mais bonita que vira até então em sua vida.

O caçula dos irmãos, que visitara a árvore em pleno outono, discordou de todos eles dizendo que a planta estava tão carregada de frutos sazonados e prontos para colheita que arqueava seus galhos, vergados pelo peso dos pomos.

Do alto da sua sabedoria, o velho explicou aos filhos que todos eles estavam certos, embora suas respostas não fossem iguais. A questão é que cada um deles havia visitado a árvore em diferentes estações. E, por fim, concluiu dizendo que assim são as pessoas. Só se pode atingir a essência de cada uma delas depois de vê-las diante de todas as situações que venham a enfrentar: nos momentos de dor, nos instantes de alegria e até mesmo nos instantes de serenidade. De outra forma, nunca conseguiremos saber com quem convivemos.

E, ao final da narrativa, Dona Sinhá perguntou se eles haviam entendido a moral da história, porém não obteve resposta, pois talvez eles fossem pequenos demais para atingir a essência da narrativa que acabara de ser contada. Mesmo assim não se deu por vencida e resolveu contar outra história, daquela que sua avó narrava para ela no seu tempo de menina, como dizia.



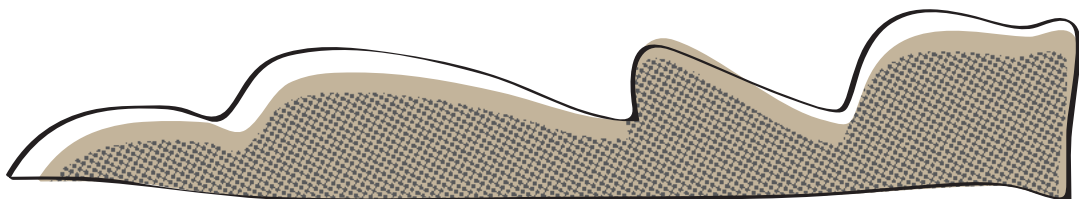


# O principal na vida

Diz uma lenda conhecida por essas bandas do Engenho Felicidade que certa mulher pobre caminhava com uma criança no colo e, ao passar diante de uma caverna, escutou uma voz misteriosa que partia lá de dentro da escuridão:

– Entre e apanhe tudo que você desejar, mas não se esqueça do principal. Lembre-se, porém, de uma coisa: depois que você sair, a porta da caverna se fechará para sempre. Não esqueça! – advertia com veemência a voz que partia lá do fundo do desconhecido, e concluía: – Portanto, aproveite a oportunidade, mas não se esqueça do principal...

A brava mulher, corajosa como nenhuma outra, entrou na caverna e encontrou, de fato, muita riqueza. Fascinada pelo ouro e pelas **joias**, pôs a criança no chão e começou a juntar, ansiosamente, tudo que podia conduzir no seu avental. Por fim, a voz misteriosa advertiu:



– Você só tem oito minutos.

Apressada, a mulher recolheu mais algumas preciosidades e, pouco antes de esgotar o tempo, para não ficar presa na caverna, ela, carregada de ouro e pedras preciosas, correu e saiu lá de dentro. Logo percebeu que a entrada da caverna se fechou. Só então lembrou que a criança ficara lá dentro e a porta estava fechada para sempre. Assim, a mulher entrou em desespero, pois não tinha como recuperar a criança. Estava tudo perdido e, a partir daquele momento, todas as vezes que ela olhava para as preciosidades recolhidas de dentro da caverna lamentava a perda da filha.

Só depois de muito sofrimento, a mulher aprendeu que isso quase sempre pode acontecer a qualquer um de nós. Temos cerca de oitenta anos para viver e, por vezes, nos esquecemos do principal, que são os valores espirituais, a família, os amigos, enfim, a vida. Tudo isso é relegado ao segundo plano, em favor da riqueza, da ganância e dos prazeres materiais em detrimento do principal, que sempre deixamos para depois. Quando chega o fim da vida, de forma naturalmente inesperada, percebemos que deixamos de desfrutar os verdadeiros tesouros da alma.

Para ajudar as crianças a entender melhor a mensagem, Dona Sinhá falou claramente para elas que a vida terrena passa rápido e a morte vem sem se fazer anunciar. Portanto, devemos estar preparados para, quando a porta se fechar, termos a certeza de não havermos esquecido o principal, pois, se Deus criou as pessoas para amar umas às outras e as coisas para serem usadas por suas criaturas, por que, então, amamos as coisas e usamos as pessoas?

Aquela mensagem deixou as crianças meio pesarosas e sem





graça. Dona Sinhá, fazendo valer sua experiência no trato com os pequeninos, abriu um pedaço de papel pautado, meio amarelado e envelhecido, atenta. Assim, falou para eles:

– Este texto que escrevi foi um desabafo meu num momento de quase angústia. Peço perdão por não haver dado a ele qualquer título, mas gostaria que ouvissem com atenção:

*“Estava, certo dia, precisando fazer uma faxina em mim mesma... A primeira coisa que fiz foi jogar alguns pensamentos indesejados e lavar alguns tesouros que andavam meio enferrujados... Então tirei, do fundo das gavetas dos armários, lembranças que não uso e não quero mais!*

*Joguei fora alguns sonhos e muitas ilusões... Papéis de presente que jamais usei, sorrisos que nunca esbocei; joguei fora também a raiva e o rancor das flores murchas que estavam dentro de um livro que nunca li. Em seguida, olhei para os meus sorrisos futuros e sonhei com alegrias pretendidas... e as coloquei num cantinho, bem arrumadinhas.*

*Fiquei sem paciência...*

*Por fim, tirei tudo de dentro do armário e fui jogando no chão: paixões escondidas, desejos reprimidos, palavras horríveis que nunca deveria ter dito, mágoas a um amigo, lembranças de um dia triste...*

*Mas lá no armário também havia muitas outras coisas... e muitas delas de uma beleza sem par!*

*Lentamente, fui me encantando e me distraindo, olhando para cada uma daquelas lembranças: um passarinho cantando na minha janela,.. aquela lua cor de prata, o pôr do sol... Por fim, sentei no*

*chão para fazer definitivamente minhas escolhas e, para tanto, joguei, direto no saco do lixo, os restos de um amor que me magoou.*

*Outras coisas que ainda me magoam, coloquei-as num canto para depois ver o que farei com elas, se as esqueço lá mesmo ou se as envio para o lixo.*

*Peguei as palavras de ira e de dor que estavam na prateleira de cima, pois quase não as uso, e também atirei longe no mesmo instante. Fui naquele cantinho, naquela gaveta secreta em que a gente guarda tudo que é mais importante: o amor, a alegria, os sorrisos, um dedinho de fé, para os momentos em que mais precisamos...*

*Como foi bom relembrar tudo aquilo!*

*Desse modo, recolhi com carinho o amor encontrado, dobrei direitinho os desejos, coloquei perfume na esperança, passei um paninho na prateleira das minhas metas – deixei-as à mostra, para não perdê-las de vista.*

*Depois, guardei nas prateleiras de baixo algumas lembranças da infância, na gaveta de cima as da minha juventude e, pendurada bem à minha frente, coloquei a minha capacidade de amar e, principalmente, de RECOMEÇAR”.*

FIM.



O miolo foi produzido em papel 75 g/m<sup>2</sup>, e a capa, em papel 270 g/m<sup>2</sup>.  
Para compor o texto foi utilizada a família tipográfica *Book Antiqua* em corpo 12/16.  
Recife, Pernambuco. 2017.